Quinze anos **de canções**

Cantor e compositor estreia no Circo Voador o show 'Silva Canta/ Canta Silva', que revisita sucessos como 'Fica Tudo Bem' e 'A Cor é Rosa' em formato intimista

AFFONSO NUNES

O Circo Voador recebe, nesta sexta-feira (6) a estreia carioca de "Silva Canta/Canta Silva", show em que o cantor, compositor, produtor e multi-instrumentista capixaba celebra 15 anos de carreira revisitando o próprio repertório. Ela canta e toca violão, piano, sintetizador e violino, acompanhado por Gabriel Ruy (bateria e programações), Hugo Maciel (baixo) e Rômulo Quinelato (guitarra).

A trajetória do artista começou na internet, com um EP lançado em 2011, e cresceu até os treze álbuns no catálogo — sete deles autorais, de "Claridão" (2012) a "Rolidei" (2026), passando por "Vista Pro Mar" (2014), "Júpiter" (2015), "Brasileiro" (2018), "Cinco" (2020) e "Encantado" (2024) —, além de turnês nacionais e internacionais, indicações ao Grammy Latino pelas releituras e o fenômeno do Bloco do Silva.

Seu maior mérito musical é o de tornar simples aquilo que parece ser complexo. As parcerias que acumulou confirmam seu alcance como "Totalmente Seu", escrita com Marisa Monte e Lucas Silva, e "Palavras no Corpo", feita com Omar Salomão e gravada por Gal Costa.

O marco dos quinze anos foi o gatilho do projeto. "Essa coisa de comemoração é engraçada, né? Porque a gente vai fazendo tanta coisa. Você lança um disco, aí, daqui a pouquinho, você tem uma ideia nova... nunca tirei férias", brinca o cantor, cujo nome de batismo é Lúcio Silva de Souza. "Aí quando você fala: 'Pô, vai fazer 15 anos desde que nasceu meu EP', eu tinha que fazer algo especial."

Nos ensaios, a revisita trouxe surpresas. "Muita coisa que eu não toco desde 2014. Tem coisa que eu nunca mais toquei. E, nessa revisita, eu toquei violino de novo. Fazia muito tempo — meu violino tava pegando teia de aranha", conta. O formato intimista, escolhido depois de anos de palcos grandes, tem razão própria: "No show intimista, você consegue ter a resposta do público quase que instantânea. Você tá tocando aqui e sabe exatamente se o público gostou ou não. Tem uma troca de verdade."

O repertório é essencialmente autoral e percorre canções que aproximaram sua música de diferentes gerações: "Feliz e Ponto", "A Cor é Rosa", "Fica Tudo Bem", "Girassóis", "Brisa", "Júpiter" e "Um Pôr do Sol na Praia", entre outras. A escolha exigiu cortes. "Eu ainda tenho vários arrependimentos, inclusive. Também não dá para ficar mudando toda hora, porque todo mundo se prepara, estuda e faz aquilo ficar bonito", reconhece.

A banda, para ele, é parte do resultado. "Eu sou canceriano. Então tenho um carinho, um apego com meus músicos. Essa troca é muito importante para o trabalho não ficar frio", diz.

Jorge Bispo/Divulgação



Silva conta que resgatou canções que há muito não tocava

A temporada já passou por São Paulo e Salvador e segue para Vila Velha depois do Rio. "Quando eu olho para trás e vejo o que eu consegui conquistar com o que eu tinha, é quase um milagre", confessa o cantor, que começou com um sintetizador emprestado e dez mil reais da tia e hoje tem estúdio próprio.

SERVIÇO
SILVA
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/ nº, Lapa)
6/11, às 22h
Ingressos a partir de R$ 180 e R$ 90 (meia)

Mu Chebabi **embarca na vibe circense**

Cantor e compositor recebe convidados especiais em noite regada a música, humor e poesia no palco do Manouche

Mu Chebabi, na música, é do circo: trapezista da prosódia, domador do imprevisto, palhaço da cacofonia. Neste sábado (7), às 20h30, o projeto Tudo é Som! apresenta no Manouche o show "Olha o Circo Chegando", uma noite em que música, humor e poesia celebram a trajetória de um compositor que transforma histórias do cotidiano em canções.

Suas canções são pequenas crônicas musicais, povoadas por personagens que amam, sonham, observam o mundo e, vez por outra, tropeçam nele. Entre sambas, gafieiras e outras aventuras sonoras, Mu brinca com as palavras, desafia as convenções e mistura romance, crítica social, poesia e humor. Nos anos 1990, ficou conhecido pelas músicas criadas para o Casseta & Planeta, trabalho que o levou à produção musical do programa na TV Globo, função que exerceu por 18 anos.

Divulgação



Mu Chebabi

O picadeiro, porém, sempre foi maior. Parceiro de Lenine em "Hoje Eu Quero Sair Só" e de Arlindo Cruz em "Citações" e "Samba da Globalização", tem canções gravadas por Sandra de Sá, Flávio Venturini, Pedro Luís e A Parede, Simoninha e outros. São seis álbuns lançados. No repertório do show, "Que Mulher é Essa?", "A Morena" — tema da minissérie "Gabriela", da TV Globo —, "Pianista do Cinema Mudo", "Seu Zé", "Rebimboca da Parafuseta" e "Bastava". Parceiros e convidados entram em cena para interpretar as canções, cada participação um novo número, uma nova leitura. **(A.N.)**

SERVIÇO
Mu Chebabi
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
7/11, às 20h30. Ingressos: R$ 160 e R$ 80 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível)

Rita Benneditto mostra sua macumba elétrica na Lapa

Ariel Cavotti/Divulgação



Rita Benneditto

Desde sua estreia, no longínquo ano de 2003, o show "Tecnomacumba" transcendeu o palco: virou manifesto de brasilidade, desmistificou as religiões de matriz africana e abriu caminhos sonoros ao combinar cânticos tradicionais, pontos de terreiro e clássicos da MPB com batidas eletrônicas.

Neste sábado (7), o Circo Voador recebe a celebração de mais de duas décadas do projeto comandado pela cantora maranhense Rita Benneditto.

"Este show é uma homenagem à nossa ancestralidade e uma forma de exaltar a beleza e a potência dos cultos afro-brasileiros", define a artista, que começou a carreira em São Luís aos 15 anos, foi indicada ao Grammy na categoria melhor álbum de pop rock pelo disco "Pérolas aos Povos" e acumula nove álbuns.

Nm país onde essas religiões ainda enfrentam intolerância, o projeto se firmou como plataforma de respeito e memória — e se expandiu para videoclipes, exposições, bloco de carnaval e livro de fotografias. "O mais importante é manter-se vivo, criativo, atento e forte", afirma.

No palco, Rita é acompanhada pela banda Cavaleiros de Aruanda: Fred Ferreira (direção musical e guitarra), Humphry Scott (contrabaixo), Ronaldo Silva (bateria e programação eletrônica) e Júnior Crispim (percussão). O repertório traz "Domingo 23", "Cavaleiro de Aruanda", "É D'Oxum", "Mamãe Oxum" e "7Marias", cujo videoclipe já soma mais de cinco milhões de visualizações. Um novo registro ao vivo do projeto está previsto para 2027. **(A.N.)**

SERVIÇO
Rita Benneditto — Tecnomacumba
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº Lapa)
7/11, às 22h.
Ingressos a partir de R$ 140 e R$ (meia)